

**“JORNAL A CLASSE DE ARACAJU- SE: HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS  
(1921-1922).”**

**Autor:** Ailton Rodrigues Rocha Santos

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS)

E-mail: [ailton.historia@outlook.com](mailto:ailton.historia@outlook.com)

### **Introdução**

“Os caixeiros eram peças importantes na engrenagem de funcionamento dos negócios. Realizavam os pagamentos e cobranças, cuidando ainda de toda a escrituração dos negócios dos patrões” (MARTINHO, 1993, p. 38). “Antes de tudo, o caixeiro era o que aos poucos vai sendo chamado de empregado do comércio. Era o caixeirinho que atendia ao balcão, organizava e carregava as mercadorias, vendia, entregava e fazia as contas” (POPINIGIS, 1998, p. 09).

Estas definições explicam qual era o perfil profissional dos que integravam o grupo de trabalhadores urbanos atuantes no comércio das cidades brasileiras, desde o século XIX. Também evidenciam o quanto os caixeiros e/ou empregados do comércio assumiram uma importante função na engrenagem do sistema econômico e social, principalmente porque contribuía para a circulação do capital e para as diversificações das relações trabalhistas, denotando o quanto eram agentes de suas próprias histórias e integrantes de uma determinada classe trabalhista, a qual os distinguiam socialmente.

Nesse sentido, os caixeiros, de um modo geral, eram reconhecidos tanto por meio da função exercida quanto pelas ações que encabeçavam, a exemplo da “campanha pelo fechamento das portas” ou as suas manifestações por meio da imprensa escrita. Tomando como exemplo a recorrência que estes trabalhadores faziam aos jornais impressos, percebemos a utilização maciça que faziam destes veículos de comunicação e, em Sergipe, isso não fugia à regra.

Os caixeiros atuantes no comércio sergipano, durante a década de 1920, veiculavam um periódico especificamente dedicado à causa caixeiral e expunham, através dele, vários anseios do grupo trabalhista. Intitulado de *A Classe*, o jornal circulou durante

alguns anos na capital de Sergipe, Aracaju, e também era adquirido por alguns leitores das cidades interioranas, constituindo-se atualmente na principal fonte sobre a trajetória destes trabalhadores em terras sergipanas.

Diante disso, percebemos a importância de discorrer sobre alguns aspectos deste órgão informativo e considerar a importância que o jornal *A Classe* tinha para a organização e representatividade dos empregados no comércio de Sergipe, durante a última década da Primeira República. Assim sendo, as próximas laudas serão ocupadas por informações que tratam sobre as causalidades que contribuíram para a veiculação do jornal e sobre as suas características mais importantes.

### **Breve histórico do jornal**

Deixemo-nos levar ao dia 31 de julho de 1921. Era uma quinta-feira corriqueira na capital sergipana, mas longe de ser comum para os caixeiros que labutavam no comércio da cidade. Naquele dia, ocorreu um acontecimento significativo no seio da classe caixeiral e, especialmente, no âmbito da Associação dos Empregados no Comércio de Sergipe (A.E.C.S): o jornal *A Classe*, órgão vinculado à agremiação, vinha ao encontro do público-leitor por meio de sua primeira publicação.

Concretizou-se o objetivo dos envolvidos no projeto, mas as motivações que concorreram para isso somente poderão ser esclarecidas se considerarmos as causas que cooperaram para a circulação do periódico. A ideia de criar o jornal estivera ligada a um desejo que os empregados do comércio nutriam há tempos, tendo como foco a defesa dos seus interesses. Essa evidência é constatada se levarmos em consideração que um dos objetivos do jornal se referia “a honra e protecção da classe [...]”, demonstrando que os responsáveis pelo órgão informativo projetavam para ele uma funcionalidade social e atribuía-lhe a “missão” de ser o paladino dos trabalhadores.

Certamente, àquele era o objetivo principal do *A Classe* e a mais notória das mensagens contidas em seu primeiro número. Todavia, além do aspecto defensivo, o semanário fora projetado com vistas a atingir outra meta que, embora fosse mais generalista, também estava contida no editorial de inauguração. O desejo de fundar um

periódico estava ligado ao interesse que os trabalhadores tivessem uma compreensão mais clara e definitiva do “verdadeiro espírito de classe”.

Consideramos os dados informados pela fonte como de suma importância e acreditamos que tais objetivos permearam a veiculação da gazeta, entretanto não podemos negligenciar que possuir um jornal envolvia questões ainda mais profundas. Nesse sentido, não podemos negar a influência dos aspectos sociais para a propagação do mesmo. Estamos em sintonia com E.P. Thompson e defendemos que os caixeiros sergipanos criaram o veículo de comunicação, pois estavam inclusos em uma sociedade composta por “sistemas densos, complexos e elaborados, pelos quais a vida social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão na experiência humana comum.” (THOMPSON, 1981, p.189)

Seguindo esta concepção, o jornal é aqui vislumbrado enquanto uma instituição de comunicação de suma importância e funcionava como uma instância ativa no processo de redefinição de expectativas globais sobre novas necessidades e satisfações (RIBEIRO, 1998. p. 11). Postulamos que as necessidades sociais dos empregados no comércio sergipano atreladas com a institucionalização da imprensa forjaram a criação do semanário e formavam o tripé fundador do *A Classe*, o qual era composto pelas seguintes metas: lucros financeiros, influência opinativa e vontade de ter seu espaço reservado nas instâncias sociais.

Em referência ao lucro obtido com a veiculação do jornal, a cobrança pelas assinaturas demonstrava esta intencionalidade. Em análise das edições publicadas nos dias 16 de outubro de 1921, 13 de novembro de 1921, 11 de novembro de 1921, 12 de fevereiro de 1922 e 05 de março de 1922, temos uma real dimensão do quanto os valores colhidos com as vendas dos exemplares representavam um ativo importante nas contabilidades da A.E.C.S. Tomando como ilustração o balancete financeiro efetuado no mês de outubro, vê-se que dos \$ 773, 49 réis líquidos das receitas apuradas pela Associação, as assinaturas do jornal colaboravam com um valor absoluto de \$ 204, 000 réis, sendo que isto correspondia a um pouco menos de 26 % dos lucros.

A participação direta nos emolumentos da agremiação também é facilmente verificável quando analisados os outros balancetes. Nas receitas apuradas em novembro

e dezembro de 1921, a participação das vendas dos jornais beirou os 30 %, alterando-se apenas o lucro total que fora maior no mês onze. Já nos meses iniciais do ano do centenário da Independência do Brasil, verificou-se, mais uma vez, a dependência que a Associação tinha das vendas do jornal: 29 % foi a participação estipulada no mês de fevereiro e o mês de março registrou incríveis 69,9 %.

Unindo-se ao suprimento das necessidades materiais, os caixeiros também utilizavam o jornal como espaço de influência pública. Instituição fundamentada com vistas a demarcar o seu lócus de atuação, a imprensa assumiu um elo de ligação entre os empregados do comércio e a sociedade aracajuana, demarcando-os socialmente.

Muito mais que veicular um jornal para os seus associados e de alcance limitado, os caixeiros sergipanos pretendiam influenciar na esfera pública e evidenciar o seu *status quo*, isto é, propagar que faziam parte de uma classe social específica, isso porque os empregados no comércio representavam um setor da camada média urbana (consideradas as especificidades da realidade local), o que evidencia o quanto o jornal era utilizado por eles para explicitar os anseios do grupo e interferir socialmente. Proteção do grupo, esclarecimento dos trabalhadores, obtenção de lucros financeiros e instrumento de demarcação social, estes foram os motivos que os empregados no comércio sergipano encontraram para publicarem o jornal. Mas não nos deixemos enganar: os objetivos não informam tudo, é preciso visualizar os bastidores da redação antes de afirmar algo sobre a notícia lida.

O jornal *A Classe* possuía uma particularidade já apontada ao longo deste artigo. O leitor, ao folhear a primeira página do periódico, sabia claramente que tinha em mãos o “Orgam da Associação dos Empregados no Comercio de Sergipe”. Consequentemente, isto nos impele à outra vertente do estudo e força-nos a compreender quais os sujeitos estavam inseridos no comando da Associação mantenedora do jornal. Em outras palavras, é imprescindível fazer a seguinte indagação: Quem eram os responsáveis diretos pela agremiação?

Antes de falar sobre quem compunha o corpo diretivo da instituição, é necessário fazer algumas ressalvas. Uma delas refere-se ao fato de existirem responsáveis específicos pelo jornal e que, ao mesmo tempo, exerciam funções na própria Associação

dos Empregados no Comércio de Sergipe, ou seja, o fato de determinado personagem ser presidente da entidade significava dizer que, na maioria dos casos, ele era o diretor do jornal, ocasionando uma interação entre as partes.

A outra observação diz respeito a forma de organização adotada pelos trabalhadores. Tendo em vista as características da conjuntura estudada, observa-se que a união dos caixeiros em torno da Associação refletia a indisponibilidade de contarem com uma representação trabalhista mais ampla. No caso dos caixeiros sergipanos, compreende-se que o associativismo respondeu às demandas dos trabalhadores que estavam inseridos em uma lógica diferenciada da observada em nível nacional. Por serem representantes de uma camada média, os empregados no comércio uniram-se em torno de uma Associação com características próprias das sociedades mutualistas, a qual possuía certas particularidades, como: a ajuda dos sócios, a ideia segundo a qual os correligionários faziam parte de um grupo em comum e a repulsa aos métodos inerentes às correntes organizatórias mais radicais, sendo estes eram os traços mais distintivos da instituição. Isso denunciava que o pioneirismo anarco-sindicalista não obteve guarida entre os caixeiros de Sergipe, pois estavam inclusos em uma realidade diversificada daquela encontrada pelos imigrantes revolucionários.

Por meio destas considerações, podemos dizer que, entre 1921 e 1922, os trabalhadores estavam organizados, a Associação funcionando e o jornal circulando. Não havia cenário mais perfeito para os caixeiros de Sergipe e, para que isso fosse possível, algumas “moços do comércio” tiveram a hombridade de encabeçarem as ações. Cargos variados e atribuições específicas demonstravam o quanto a A.E.C.S era estruturada com vistas a representar os seus confrades da melhor forma possível. Ao longo da análise percebe-se que os cargos da Associação eram variados e possuíam atribuições específicas, além de existirem os sócios que, apesar de não terem funções definidas, detinham um *status quo* na organização e contribuía diretamente para a sua manutenção. Dito isto, discorreremos nas próximas linhas sobre quem eram estes sujeitos e os cargos que ocupavam.

Aqui, cabe dizer que a Associação, figuradamente falando, foi a “mãe” do jornal *A Classe*, porque quando este iniciou a sua circulação àquela já havia sido fundada há

dois anos. Em um domingo, mais precisamente no dia 25 de maio de 1919, “entre as quatro paredes de uma republica de colegas”, a Associação tivera a suas bases alicerçadas. A iniciativa da fundação coubera aos moços João Domingues dos Santos Herval (foto 1), Cicero Sampaio e a Almicar, achando-se a estruturação dos cargos disposta da seguinte maneira.

Tendo por base as informações colhidas no jornal, visualizamos que a relação de presidentes inaugurou-se com o próprio João Domingues dos Santos Herval (Foto 1), primeiro presidente da agremiação, também figurando no cargo da presidência os senhores Oscar Domingues da Silva e Godofredo Diniz (foto 2). A vice-presidência estava sob a competência de Fábio Madureira e, quanto aos cargos de primeiro, segundo e terceiro secretários, os mesmos eram ocupados por José Domingues Ludovice, Jacundo Fraga Montalvão e Ildefonso Cardoso de Campos, respectivamente.



Figura 1: **João Domingues dos Santos Herval.**



Figura 2: **Godofredo Diniz**

Percebe-se que os cargos descritos anteriormente compunham o alto escalão institucional e, na ausência do presidente, a representação da Associação ficava por conta do vice e dos secretários, nessa ordem. Apesar disso, quando sobrevinham aos associados alguns imbróglis envolvendo as finanças ou a organização dos aposentos da sede administrativa, situada no centro da cidade (Rua Geru), recorriam ao tesoureiro Goslan Campos e, na sua ausência, ao vice-tesoureiro Etelio Prado. Já os assuntos de ordem bibliográfica ou sobre a organização do acervo cabiam a Edilberto Telles de Sousa, bibliotecário da Associação, e a Arnaldo, o arquivista.

Ressalte-se que a estrutura das funções acima expostas se referia ao ano de 1921, porque alguns cargos vieram a ter outros ocupantes a partir do ano seguinte. Por conta da eleição realizada pelo grupo eleitoral da Associação, os postos passaram a ter novos responsáveis durante o ano de 1922, ficando assim constituídos: a presidência continuou sendo regida por Godofredo Diniz (reeleito pela terceira vez), a primeira secretaria também continuou a ser comandada por José Ludovice (reeleito pela terceira vez), já a primeira e segunda vice-presidência ficou sob a égide de Manuel J. Silva Sobrinho e Fabio Madureira, respectivamente.

No tocante à segunda secretaria observa-se a ascensão de Ildefonso Cardoso de Campos, o qual deixou de ser terceiro secretário para ocupar a nova pasta, e a terceira secretaria passou a ser dirigida por Albertino Conde. A situação pouco foi modificada quando analisamos os cargos do escalão administrativo, pois, semelhantemente aos de atribuições políticas, eles tiveram representantes reeleitos. A tesouraria continuou sob a confiança de Goslan Campos e a vice-tesouraria estava sendo cuidada por Ephraim Borges e o cheiro das traças carcomidas dos livros persistiu no cotidiano de Edilberto Telles de Sousa, reeleito como bibliotecário da Associação. Por fim, notamos um remanejamento nas funções de Etelio Prado, que chegou a ser vice-tesoureiro da instituição, e posteriormente viu o grupo eleitoral elegendo-o para controlar e organizar os documentos da Associação na função de arquivista.

Além desses cargos, existiam outras ocupações específicas dentro da organização. Com o intuito de ter uma maior representatividade na sociedade aracajuana e sergipana, os responsáveis diretos pelo periódico recomendavam ao presidente da Associação que aceitasse determinados sujeitos como sócios efetivos ou honorários. Essas informações, inicialmente, podem não suscitar algum tipo de reflexão, mas analisada de forma mais acurada nos diz muito sobre as intencionalidades dos sujeitos que atuavam nos bastidores do jornal. Um detalhe que não pode passar despercebido é o fato de tais sócios, além de serem indicados, não pagarem para serem assinantes do jornal. Isso ocorria pelo fato das suas posições sociais serem representativas e os associados tencionarem vincular os seus nomes ao jornal *A Classe*, como pode ser visualizado nas indicações de Gumersindo Bessa (jurista) e Gonçalo Rollemberg Leite (Senador), para citarmos os exemplos mais evidentes.

As especificações dos cargos e funções não demonstram somente a capacidade de organização interna dos associados. Muito além disso, o que fica evidente são as multiplicidades das ações dos caixeiros sergipanos, as quais ficavam evidenciadas, principalmente, pela elaboração e circularidade do jornal. Temos o entendimento de que eles conseguiram demarcar o seu espaço social na capital sergipana, especialmente, porque a Associação prosperou ao ponto de investir em outras esferas além da imprensa, mas esse é um outro aspecto dos caixeiros que não será trabalhado nesse artigo. É necessário, de agora em diante, versar sobre as características do periódico.

### **Características tipográficas do jornal *A Classe*.**

As condições sociais que determinaram a inauguração e a veiculação do jornal foram expostas quando analisamos as motivações que levaram os empregados no comércio sergipano a organizarem-se de forma associativa e o quanto o periódico estava submetido aos seus interesses. É chegado o momento de adentrarmos em outra vertente do órgão informativo e conhecer os seus aspectos materiais. Interessa-nos perceber as propriedades físicas do mesmo e entender os componentes que estavam ligados à elaboração do periódico

Com vistas a perceber estes detalhes, torna-se necessário que venhamos assumir a condição tanto de tipógrafo quanto de leitor. Os conhecimentos tipográficos serão imprescindíveis para termos uma dimensão ampla a respeito do formato físico do impresso e a condição de assinante-leitor nos proporcionará conhecer os conteúdos existentes nele. Nesse primeiro momento, entraremos na tipografia e veremos como o órgão era impresso, elaborado e vendido.

“*A Classe* será publicada aos domingos e aceita qualquer colaboração dentro do seu programa”. Era dessa maneira que a coluna *Expediente* se dirigia ao público, informando sobre a frequência na circulação da folha informativa. Diferentemente de outros jornais, *A Classe* tinha uma circulação semanal e o valor da sua assinatura era fixo, em certo sentido. O custo para os assinantes do semanário possuía algumas especificidades, pois havia uma distinção entre os valores cobrados aos leitores residentes na capital (Aracaju) e os moradores do interior do estado, evidenciando a ação difusa do periódico. Eram cobrados \$ 1.000, 00 (mil réis) mensais aos assinantes da capital,



enquanto os interioranos tinham que desembolsar \$ 12. 000,00 (doze mil réis) anualmente para ter acesso às publicações da *Classe*.

Os administradores do jornal também cobravam por outros tipos de modalidades de publicações. Os residentes em Aracaju, interessados em adquirir o número avulso, tinham que gastar cerca de \$300, 000 (trezentos réis) para possuírem determinada edição. Além de venderem as publicações em separado, os responsáveis pela circulação do órgão informativo também ofereciam a opção dos leitores colaborarem semestralmente, sendo esse um caso excepcional e que contemplava os assinantes do interior que ao optarem por esse tipo de assinatura despediam o valor de \$ 6.000, 00 (seis mil réis)<sup>1</sup>.

A cobrança em relação aos assinantes era justificável, dado os custos em torno da elaboração do periódico e sem contar que a Associação não dispunha de uma maquinaria e tipografia próprias. Afirmamos isto, pois *A Classe* era composta e impressa na “Tipografia do Labor”, estabelecimento não ligado à Associação. Não temos informações suficientes sobre os valores exatos resultantes da produção do jornal, realizada na tipografia citada, entretanto, se levarmos em conta o período de circulação do jornal, conhecido por abarcar uma fase marcada por transformações sociais e econômicas, perceberemos que elas refletiram diretamente na organização do impresso. As modificações na Imprensa nacional, a partir desse período (1920 em diante), foram tão consideráveis que fizeram Juarez Bahia apontar o surgimento da “[...] fase moderna da imprensa no Brasil” (BAHIA, 2009, p. 210).

Com o advento dessa fase a imprensa profissionalizou-se e ganhou outro aspecto em relação às anteriores. Saiu de cena o jornal de característica panfletária e que chegava a flertar com o amadorismo e entrou em jogo o de característica empresarial, o que resultou em uma maior racionalização na organização da imprensa. Mas isso não significou uma ruptura em todos os sentidos, haja vista ter sido uma evolução gradual, específica e que se beneficiou dos inventos anteriores.

---

<sup>1</sup> É válido ressaltar que os valores das assinaturas não se alteraram nas edições analisadas por nós. Entretanto, nada impossibilita de ter havido permuta nos valores em outro momento. *A Classe*, 1921, nº 10, p.01.

É necessário ressaltar, também, o fato da análise de Juarez Bahia focalizar nos jornais de grandes tiragens e de âmbito específico- Rio de Janeiro e São Paulo-, gerando dúvidas com respeito a situação da imprensa situada em outras localidades. Diante desse fato, cogitamos que a elaboração do jornal dos caixeiros obedecia a uma lógica própria, às vezes encaixando-se nos métodos usados pela grande imprensa e em outros momentos naqueles usuais aos órgãos de pequeno porte.

O binômio entre empresa capitalista *versus* oficina artesanal, instituído por Nelson Werneck Sodré, nos oferece um direcionamento a respeito da caracterização do jornal analisado. O desenvolvimento do capitalismo, enquanto sistema econômico, apenas iniciava a sua consolidação no país e a imprensa acompanhava este movimento supra estrutural. Em um estado predominantemente rural e com as pautas de exportações ainda dominadas por produtos advindos do setor primário, principalmente o açúcar (DANTAS, 2016, p. 15), a indústria e o comércio ainda eram incipientes. Estas características do estado inevitavelmente ressoavam na organização dos meios de comunicação da época.

A urbanização também era um fator importante que possibilitava as condições necessárias para o desenvolvimento da imprensa. Isso foi regra na Europa e nos estados maiores da Federação e, em Sergipe, não foi exceção. A *urbe* sempre se configurou como espaço de circulação do conhecimento e das ideias, sendo os jornais representantes destas virtudes. Cidades sergipanas como Estância e Laranjeiras foram sedes de jornais no século XIX, justamente por possuírem o teor urbanístico bem desenvolvido para a época. Foi em Estância, inclusive, que surgiu, em setembro de 1832, o primeiro órgão da imprensa sergipana: o jornal *Recopilador Sergipano*. (TÔRRES, 1993, p. 21)

Economia e desenvolvimento urbano formavam, então, as condições *sine qua non* para uma imprensa sólida. No caso do jornal *A Classe*, temos que considerar a frenesi em torno da jovem capital, Aracaju, a qual desde que foi elevada à categoria de sede administrativa do estado, em 17 de março de 1855, sempre foi bem vista por seu potencial econômico. Durante os anos 1920 isso pôde ser visualizado ao observamos o esboço de uma diversificação nos setores produtivos e no crescimento populacional do lugar, porque, não obstante a força das *comodities* advindas da produção açucareira e a sua predominância nas pautas de exportações, os setores secundário e terciário cresciam paulatinamente, sobretudo na capital.

Inevitavelmente, essas transformações interferiram na elaboração do jornal por nós analisado. Afirmamos que os associados produziam o periódico seguindo uma lógica própria, pelo fato de oscilarem entre as características da fase empresarial e da artesanal e sabemos que a cobrança das mensalidades visava a manutenção do periódico, ainda mais porque os responsáveis o imprimiam em uma tipografia comercial não pertencente à Associação, contudo as assinaturas também atendiam a interesses lucrativos, próprios das empresas capitalistas.

Outros atributos que demonstram o quanto *A Classe* situava-se no estágio empresarial eram a existência de propagandas comerciais em suas páginas e a qualidade de sua diagramação. Os anúncios eram diversificados e expunham as marcas dos produtos comercializados pelos estabelecimentos comerciais da capital, revelando o quanto os comerciantes poderiam lucrar com a veiculação de suas mercadorias nas folhas do periódico. O inverso também ocorria, visto que *A Classe* recebia, adiantadamente, os pagamentos dos interessados nas propagandas.

Ainda que estivesse ensaiando a sua estrutura, a propaganda era um nítido avanço diante das mudanças ocorridas. Se antes eram predominantes os anúncios sobre a venda de escravos e avisos de viagens, agora o público deparava-se com uma maior diversidade de conteúdo (SODRÉ, 1999, p. 281). As primeiras agências especializadas são criadas e a utilização de literatos são frequentes, tudo com o intuito de persuadir o mercado consumidor a adquirir as mercadorias em evidência.

### **Propagandas do jornal *A Classe***



Figura 1. Fonte: *A Classe*, 1922, n. 26, p. 4.



Figura 2. Fonte: *A Classe*, 1922, n. 26, p.4

Não somente as propagandas comerciais denunciam a afinidade do *A Classe* com as características da fase empresarial. A sua estruturação física correspondia aos anseios

de uma imprensa cada vez mais profissionalizada e com uma divisão do trabalho baseada em processos racionalizados. Colunas organizadas, letras em estilos diversos e fotografias de personalidades evidenciam a qualidade do periódico, o qual, por intermédio de títulos atraentes, artigos inerentes a assuntos específicos, distribuição coesa das colunas e matérias bem escritas, detinha as características de um jornal bem elaborado.

Como já apontamos, a sua primeira publicação ocorreu em 31 de julho de 1921, demarcando o início do Ano I do órgão. No levantamento geral realizado por nós foram catalogados mais de vinte e um números do periódico circulados em 1921 e em semanas subsequentes, podendo contar com a veiculação de até quatro números em um mesmo mês. Com relação a 1922, o jornal continuou a ter tiragens semanais e isso proporcionou que o Ano II possuísse um total de vinte exemplares<sup>2</sup>. Em princípio, estas informações possuem apenas um aspecto descritivo do jornal e, sem negar essa característica, podemos relacioná-la com outras que podem situar-nos melhor em nossa análise. Em outras palavras, no instante em que observamos as edições do periódico (Ano, Nº, Data de publicação, etc.) em consonância com o seu conteúdo, conseguimos entender as mudanças ocorridas nele durante o tempo de circulação.

Invariavelmente, *A Classe* possuía quatro páginas em seus números e em cada uma delas existiam algumas características próprias. Um exemplo dessa particularidade está na primeira página, já que nela quase sempre era publicado algo escrito por alguém importante dentro da direção do jornal, sejam redatores ou o próprio diretor, isso sem falar nos títulos emblemáticos, escritos em letras maiores e em negrito, com o intuito de chamar ainda mais a atenção do leitor. Ainda sobre as características físicas da fonte em análise, a distribuição das colunas é algo regular e bem elaborado, pois predominantemente, havia quatro colunas responsáveis por subdividir as matérias escritas no periódico, gerando um efeito visual positivo quando os leitores folheavam o mesmo.

As propriedades tipográficas delineadas ao longo do tópico evidenciam o quanto *A Classe* inseria-se em uma nova lógica imposta à imprensa. Apesar de não possuir uma oficina tipográfica própria, o que acabava encarecendo o preço do periódico, os caixeiros

---

<sup>2</sup> O número de exemplares catalogados do jornal foi feito através da digitalização do mesmo. O acesso ao jornal foi realizado na Biblioteca Pública Epifânio Dória, onde se encontra a Pacotilha específica contendo o periódico.

sergipanos conseguiram veicular um órgão com características materiais inerentes aos jornais situados no início do século XX, representando o quanto uma profissionalização jornalística só conquistada posteriormente estava a caminho.

Ressaltando-se o quanto as transformações ocorridas na estruturação da imprensa brasileira não foram simultâneas em todos os lugares, observamos que o jornal dos empregados no comércio era empresa estruturada sob os moldes capitalistas, personificada em negócios (SODRÉ, 1999, p. 278), isso se considerarmos a sua lógica de produção e aspectos físicos. Diante do exposto, é preciso enfatizar o fato de o jornal ter parado de circular, como muitos do seu tempo, e apontamos as dificuldades financeiras como sendo uma das responsáveis por isso, mas, em uma fase de modernização da imprensa, fase esta que não tolerava mais “amadores”, é destacável um jornal ter durado dois anos ou mais.

### **Considerações Finais**

Por meio dos apontamentos feitos no decorrer deste artigo temos um panorama sobre algumas informações inerentes ao periódico dos caixeiros sergipanos. Foi possível saber quais os objetivos estiveram vinculados a publicação do jornal, os responsáveis tanto pela Associação quanto pelo órgão informativo, os cargos que ocupavam e as chamadas propriedades físicas do *A Classe*.

As considerações apontadas ao longo do texto sinalizam que o jornal não representava um aspecto isolado no seio da Associação dos Empregados no Comércio de Sergipe, tendo em conta a profusão das ações sociais dos caixeiros. Nesse sentido, a fundação do periódico, bem como as motivações que contribuíram para tal, demonstraram o quanto eles queriam e conseguiram influir socialmente, eram hábeis na função exercida e tinham as suas relações sociais estabelecidas.

Assim, analisar o jornal dos caixeiros atuantes no comércio sergipano fez-nos perceber as articulações do grupo trabalhista e a sua capacidade em produzir um periódico que estava em sintonia com os moldes da imprensa escrita daquela altura e, mais do que isso, a análise mostrou a capacidade que tinham de se organizarem enquanto integrantes de uma classe social e trabalhista específicas.

## Referências

ARAUJO, Acrísio Torres. **Imprensa Sergipana**. Brasília: gráfica do Senado, 1993.

BAHIA, Benedito Juarez, 1930-1998. **História, jornal e técnica: História da Imprensa Brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro. Mauad X, 2009.

DANTAS, Ibarê. **Imprensa operária em Sergipe (1891-1930)**. Aracaju. Editora Criação, 2016.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo, Ed. Ática. 1988.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky. (org).. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-155.

MARTINHO, Lenira Menezes. **Negociantes e Caixeiros na sociedade da Independência**. Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein. Prefácio de Maria Odila Leite da Silva Dias. Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. 1993. 260 p.

POPINIGIS, Fabiane. **Trabalhadores e Patuscos: os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)**. Campinas, SP. 1998. Dissertação (Mestrado). Orientador: Sidney Chalhoub.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **A institucionalização do Jornalismo no Brasil: 1804-1964**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Orientação de Antônio Augusto Arantes.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. (Retratos do Brasil;51).

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. p. 180-201.

## Fontes

*A Classe*, 1921, nº I, p. 01

*A Classe*, 1921, nº I, p. 01

*A Classe*, 1921, nº XII, p. 04.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

*A Classe*, 1921, nº XVII, p. 04.

*A Classe*, 1921, nº XX, p. 04.

*A Classe*, 1922, nº XXX, p. 04.

*A Classe*, 1922, nº XXXIII, p. 04.

*A Classe*, 1921, nº II, p. 02

*A Classe*, 1922, nº XXV, p. 02.

*A Classe*, 1922, nº XLII, p. 03.

*A Classe*, 1921, nº X, p.01.

*A Classe*, 1921, nº I, p.01.